

Contributos para uma educação para a não-violência

**Maria José Magalhães
Sílvia Moreira da Silva e
Cecília Vieira Costa¹**

Resumo

Esta comunicação pretende reflectir sobre as dificuldades e as potencialidades de um trabalho de intervenção junto de adolescentes e jovens no sentido da construção de relações não violentas. Enquadrado num Projecto de luta contra a violência contra as mulheres no seio de relações de intimidade, também designada violência doméstica (Projecto IMA/N-UMAR), este trabalho de intervenção pretende levantar os principais mecanismos de socialização para a reprodução das relações de violência e contribuir para a construção de relações de paz entre as pessoas, onde a aceitação do "Outro" e da "Outra" não se baseie numa mera tolerância, antes na capacidade de nos enriquecermos com a diversidade que caracteriza a humanidade.

Pretendemos, então, dar conta da nossa reflexão teórica e pragmática, ainda num momento muito inicial, do processo de intervenção na luta contra a violência mas numa perspectiva emancipatória, isto é, que toma em consideração as/os oprimidas/os como sujeitos da História e que perspectiva uma transformação social no sentido da construção de uma sociedade onde as causas da violência possam ser minoradas o mais possível.

Pedagogia feminista e freireana na luta contra a violência na educação

Partimos de um entendimento da violência como fenómeno estrutural e não relativo ao comportamento individual de seres humanos em particular. Lembremos Brecht quando afirmou: "toda a gente apelida o rio de violento, mas ninguém diz violentas as águas que o comprimem". Assim, pensamos que a base fundamental das relações de violência (de género, de raça, de classe, de orientação sexual, etc.) consiste na estruturação da vida social que se organiza entre opressores e oprimidos, evidenciada pelas categorias sociais que designam eixos de desigualdade. Nesta perspectiva tenta equacionar-se os contributos de uma pedagogia crítica, em que o pensamento freireano constitui base fundamental, e uma pedagogia feminista onde as experiências e subjectividades, assim como a consciência da dessincronia da opressão, tomam um lugar importante. A pedagogia freireana assenta, entre outras coisas, numa dialéctica entre o enraizamento em cada lugar histórico e a utopia. Ele designou estes dois pólos da dialéctica como "denúncia" e "anúnciação":

"Por denúncia, Freire refere-se ao nomear e analisar das estruturas existentes de opressão; por anúncioção, ele quer dizer a criação de novas formas de relações e de formas de ser e de estar no mundo como resultado de uma luta mútua contra a opressão."
(Weiler 1995: XX)

¹ UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

Embora estas duas perspectivas tenham emergido em contexto sócio-históricos muito diferentes, encontramos semelhanças várias entre as concepções feministas de educação e a pedagogia de Paulo Freire. Têm em comum uma visão da transformação social, partilhando também certos pressupostos no que diz respeito à opressão, consciência e mudança histórica. Ambas assentam na existência de opressão nas condições materiais de existência e como parte da consciência e numa visão da consciência como algo mais do que o somatório de discursos dominantes, contendo em si própria uma capacidade crítica — aquilo que Antonio Gramsci (1971) chamou 'bom senso'. Da mesma forma, ambas vêem os seres humanos como sujeitos/as e actores/as da História e mantêm um forte compromisso com a justiça e uma visão de um mundo melhor e de um potencial para a libertação. O pressuposto da pedagogia freireana é de que ao lutar contra a opressão, o oprimido mudará em direcção à verdadeira humanidade, deixando de fora formas de opressão experienciadas por diferentes actoras/es e a possibilidade de lutas entre pessoas diferentemente oprimidas por diferentes grupos — o que Cameron McCarthy 1988 designa de 'nonsincronia da opressão'. Este pressuposto também apresenta a humanização como universal, sem tomar em consideração que as diferentes definições deste termo podem em si mesmas ser contraditórias para pessoas de diferentes grupos.

Na acção, isto é, na prática, as metas da libertação ou da oposição à opressão nem sempre têm sido fáceis de compreender ou de atingir. Levar uma pedagogia emancipatória à prática levanta conflitos.

Ao tentar implementar estas pedagogias numa perspectiva emancipatória, acontece muitas vezes que se esquecem os conflitos que podem surgir não apenas da consciência dividida — o que Audre Lorde (1984) designa de 'o opressor entre nós' — mas também entre grupos que tentam trabalhar em conjunto para nomear e lutar contra a opressão — entre docentes e estudantes nas salas de aula, ou entre grupos políticos que trabalham para a mudança em áreas muito específicas. Isto pode levar à raiva, frustração e a um recuo para abordagens que oferecem mais segurança ou que são mais tradicionais.

Das perspectivas teóricas à intervenção nas escolas

No trabalho de intervenção com as escolas, inserido num projecto da UMAR de luta contra a violência sobre as mulheres, pretendemos despertar nos jovens uma maior consciencialização dos padrões de comunicação (verbais e não-verbais) violentos que reproduzem nas suas relações entre pares. Nesse âmbito tentaremos equacionar a naturalização da agressividade entre as/os jovens nos seus contextos de interacção, com destaque para a violência entre géneros, alicerçando bases para uma educação para a não-violência. Propomo-nos também a trabalhar com professores, conhecendo as suas representações acerca da violência com o intuito de os comprometer para uma educação (formal e informal) mais justa e promotora das relações em igualdade de oportunidades.

As contrariedades que pensamos encontrar, como obstáculos à nomeação e luta contra a opressão, prendem-se no fundo com as dificuldades na assunção de uma pedagogia emancipatória num contexto específico. Nomeadamente, a que advém de a escola ser por natureza um nicho de diversidade e desigualdade: classe social, género, "raça", etnia, orientação sexual, capacidade física,

... Assim, a linguagem, os métodos e os materiais utilizados serão cruciais na abordagem que pretendemos fazer a uma Escola diversificada, no sentido da promoção de relações mais equilibradas e saudáveis entre as pessoas.

Na nossa intervenção, diversos conflitos são previsíveis, alguns dizendo respeito às diferentes representações e sensibilidades sobre o que constitui violência, entre docentes, entre animadoras/es, entre estudantes e entre estes diferentes grupos. Uma das questões levantadas pelas feministas tem exactamente a ver com uma concepção do grupo social dos/as oprimidas/os como um grupo não homogêneo que vivencia diversos graus de opressão e se situa face a estas experiências de formas distintas. Tal como Audree Lorde chamou a atenção para 'o opressor dentro de nós', também Freire fala dos oprimidos que têm de lutar contra a tendência de se tornarem 'subopressores', querendo que os oprimidos têm apenas o padrão da opressão perante si mesmos como forma de ser.

Enfrentamos, assim, uma intervenção que tem de lidar com as diversas experiências e posições subjectivas face à opressão e para as quais ainda não têm alternativas de posição e de formas de estar e de ser para introduzirem nas suas relações.

Bibliografia

WEILER, Kathleen (1995) "Freire and a Feminist Pedagogy of Difference", in *Debates and Issues in Feminist Research and Pedagogy*, Londres: Open University. Multilingual matters, pp 23-44, tradução na *ex aequo*, nº 9.

FREIRE, Paulo (1978) *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo: Paz e Terra.